



AVENTURANDO-SE COM PUTAS: DAS AVENTURAS DE CONTAR-SE, DE GABRIELA LEITE, ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS DA PROSTITUIÇÃO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3882

Ana Carolina Lamosa Paes, UEM
Elton Pedroso Correa, UEM
Renan Fonseca Ravagnani, UEM

Resumo

O presente trabalho teve como fonte a obra biográfica de Gabriela Leite, intitulada: “Filha, mãe, avó e puta” onde a mesma se utiliza das escritas de si (RAGO, 1991) para enunciar a vivência da prostituição, desde 1970 até os anos 2000. Temos como objetivo apresentar alguns apontamentos que se chegaram no relatório final do projeto de iniciação científica “A construção social da prostituição sob o ponto de vista de Gabriela Leite”, orientado pela Professora Doutora Patrícia Lessa e demais discussões que permearam a temática. Do ponto de vista da metodologia, este foi um estudo de abordagem qualitativa que adotou como estratégia de investigação uma perspectiva plural (DENZIN e LINCOLN, 2006) tendo como fonte a obra biográfica, material em vídeo, depoimentos na mídia, etc. Os pontos observados no trabalho que pretendemos indicar nesta apresentação são: A importância das escritas de si como uma ferramenta que dá voz às mulheres a fim de protagonizarem suas histórias e a relevância de Gabriela Leite na sua luta em prol dos direitos das prostitutas, onde observamos um incomodo ao perceber o desamparo da classe, o silenciamentos ao qual são submetidas e a constante vitimização às quais são impostas. Os encaminhamentos da Lei Gabriela Leite, indicada pelo deputado Jean Willys, são resultado da luta e militância em favor das prostitutas que Gabriela Leite passou o final de sua vida buscando.

Palavras Chave:

Gabriela Leite;
Prostituição; Escritas de
si; Lei Gabriela Leite.

Introdução

O presente estudo é fruto do projeto de iniciação científica, intitulado: *A construção social da prostituição sob o ponto de vista de Gabriela Leite*, onde buscamos conhecer mais profundamente a respeito da história da prostituição, com enfoque no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, entre a década de 1970 chegando até os anos 2000.

O recorte espaço-temporal se dá desta maneira devido ao fato de representar o espaço e tempo por onde Gabriela Leite estabelece suas vivências e experimentações a respeito do campo da prostituição. Perpassando, portanto, desde o seu rompimento com os padrões recomendados socialmente, em sua juventude, até o fim de sua vida onde já se colocava como pessoa combativa e lutando pelos direitos das prostitutas.

Esta pesquisa teve enquanto fontes para estudo, dois materiais distintos em sua forma, mas convergentes quanto a temática. A primeira fonte utilizada foi a obra de caráter autobiográfico que conta a história de Gabriela Leite, uma mulher que decidiu virar prostituta em São Paulo, nos anos de 1970. Escrita em depoimento à Marcia Zanelatto e publicada em 2008, a obra busca retratar os diversos eventos pelos quais perpassa Gabriela Leite em sua vida, antes e depois do meretrício.

A segunda fonte utilizada por nós para a elaboração deste estudo, foi o documentário intitulado *Corpos que escapam*, dirigido por Angela Donini no ano de 2016. Participam do documentário: Gabriela Leite, João Nery, transexual e ativista pelas causas trans, e Juliana Dorneles, atriz que interpreta a performance apresentada. O documentário é dividido entre a performance da atriz e a fala dos participantes

Quanto às questões teórico-metodológicas, optamos por trabalhar sob a perspectiva teórica da *Epistemologia*

Feminista, que se dá nos diversos estudos de Margareth Rago e quanto à metodologia, aplicada principalmente à segunda fonte, utilizamo-nos dos apontamos acerca da *Matriz Discursiva*, apresentada por Michel Foucault (2001).

Ambas as fontes utilizadas para a elaboração deste estudo, transmitiram-nos informações bastante interessantes a respeito das vivências de uma mulher que, em meio a uma sociedade no auge da ditadura militar brasileira, busca retomar e se apropriar de seu corpo.

Tais características nos permitem perceber a presença das influências do movimento feminista, que em sua primeira onda tem como objetivo a instauração de direitos políticos, trabalhistas e sociais, em seu segundo momento procura dar às mulheres uma apropriação de seus corpos, que durante anos lhes foi retirado em detrimento dos anseios masculinos.

Portanto, levando em conta todos estes fatores históricos, sociais e políticos, podemos observar Gabriela Leite do ponto de vista de análise de Margareth Rago, onde nos propicia um olhar que busca operacionalizar o conceito de epistemologia feminista, à medida que temos a história contada por uma mulher, a partir das suas particularidades ao lançar luz sobre assuntos diversos.

Uma mulher que decidiu virar prostituta

Nascida em 1951 em São Paulo, filha de uma dona de casa e um crupiê. Quando decidiu virar prostituta, isso no início dos anos 70, Gabriela Leite estudava Filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Ex-aluna de um dos melhores colégios paulistanos, de onde fora bolsista em busca do sonho pela vaga na referida universidade, leitora de Machado de Assis, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, tinha um emprego estável de secretária e morava com a mãe, após o pai ter saído de casa. Observando a rotina das

mulheres que trabalhavam nas boates próximas aos barzinhos que frequentava nos arredores da faculdade, que Gabriela tem sua curiosidade despertada e sente-se atraída por aquele universo. Movida pela "revolução pessoal" (LEITE, 2009), optou pela vida de prostituta do "baixo meretrício" (LEITE, 2009), que reconheceu sem qualquer intimidação.

Na obra, Gabriela conta detalhadamente a vivência dentro da prostituição, as fantasias sexuais que os clientes buscavam realizar com ela, a relação com homens casados que entendiam as prostitutas como aquelas com quem podia realizar seus desejos mais sujos, o uso de drogas no qual acaba adentrando em certo momento, orgasmos que existiam, tudo isso é levantado e discutido pela autora com bastante naturalidade.

Levando em consideração o momento em que Leite se apresenta desta maneira para a sociedade, podemos perceber uma clara influência do momento e dos fatos históricos em construção. Buscando para si, a apropriação do seu corpo, Leite demonstra que se apropriou também das novas ideias que passam a ser refletidas no seu modo de executar suas vivências.

A Segunda Onda Feminista teve sua máxima de representação entre as décadas de 1960 a 1980 nos EUA, com os novos questionamentos de Simone de Beauvoir (1946) sobre a determinação biológica à construção de gênero, o movimento feminista começa a se basear em novos debates.

Debates sobre o gênero e a sexualidade, a construção cultural do gênero, a persistência em muitos ambientes do masculino como norma e do feminino como variante; a continuação da visão masculina sobre a história, a cultura e frequentemente sobre a literatura; a difícil erradicação do conceito de que muitas normas são culturalmente construídas quando

todos acreditam serem inerentes à natureza humana; os sistemas diferentes de gênero que cada sociedade possui; a restrição para não falar da mulher ou do homem universal ou da feminilidade ou masculinidade e outros estão sempre em pauta (BONNICI, 2007, P. 237).

Além do questionamento acerca do conceito de gênero, a Segunda Onda feminista também debate os desdobramentos do sistema patriarcalista, tais quais: a objetificação feminina nos meios de comunicação, a violência doméstica, a repressão sexual feminina, e as novas identidades culturais, por meio dos feminismos negro, LGBT, marxista, libertário, radical, latino, chicano, entre outros.

A inserção destes novos recortes, abordagens e o momento histórico pelo qual se passa o movimento, sendo localizado historicamente após a Segunda Guerra Mundial, serviu de auxílio para a popularização do Feminismo, passando a haver maior adesão a ele. Veem-se manifestações públicas reunindo os movimentos feministas em sua pluralidade.

As ativistas do Coletivo de Mulheres não eram as únicas a levantar a bandeira do "aborto livre e gratuito". Ela fazia parte das reivindicações do feminismo internacional. Desde os métodos contraceptivos passaram a focar no organismo feminino. As mulheres começaram a exigir um controle maior sobre seu próprio corpo. E o direito à interrupção da gravidez indesejada passou a fazer parte da pauta feminista. "Um filho se eu quiser, quando eu quiser" e "Nosso corpo nos pertence" eram palavras de ordem nessa época. (PEDRO, p. 247, 2012)

Gabriela nos conta que encontrou no universo da prostituição, uma vida muito além daquela que imaginava quando decidiu que seria

prostituta. Desde quando passou a receber os primeiros clientes em 1973, na Boca do Lixo de São Paulo, até sua chegada à Vila Mimosa, famosa zona de prostituição carioca onde morou por mais de dez anos, a autora passou por momentos de perda e solidão e teve que encarar, diversas vezes a si mesma. Mediante isso, Gabriela percebe que é preciso buscar algum tipo de respaldo legal e direitos para que estas mulheres não têm qualquer perspectiva quanto ao futuro, no qual não poderão mais trabalhar. Nenhuma perspectiva exceto tijolos.

Toda prostituta tem como objetivo maior comprar uma casa, de preferência longe do trabalho, normalmente no subúrbio. E tem que ser uma casa grande. Ela passa anos contando os tijolos para construir essa casa. E cada homem representa uma quantidade de tijolos. É quase um tique da profissão. (LEITE, 2009, p.62)

Percebendo a necessidade de algum avanço em prol destas, Gabriela decide lutar pelos direitos das prostitutas. Resultando na criação da famosa marca de roupas *Daspu* e da Ong *DaVida*, símbolos reconhecidos internacionalmente pelo trabalho audacioso na luta contra o preconceito e a discriminação da classe.

Logo após as primeiras organizações, Gabriela percebe a existência de uma negação ou suavização da prostituição. Nota que a palavra é um tabu e que todos insistiam em silenciar toda sua bagagem.

Segundo Encontro Nacional de Prostitutas. Ninguém queria usar a palavra “prostituta”. A partir do momento em que a gente já estava organizada, a gente precisava ter um nome mais “sério”. O Fernando Gabeira deu o nome de “profissionais do sexo”. A rede passou a se chamar Rede Brasileira de Profissionais do Sexo. E todo mundo passou a chamar prostituta de profissional do sexo. P.S. Sou contra. Para o movimento é

importante assumir o nome, não fugir dele. (LEITE, 2009, p.134)

Leite veio a falecer em novembro de 2013 em decorrência de um câncer de pulmão, fruto este de uma vida inteira acompanhada do cigarro. Morre, mas deixa um legado de lutar e militância pelas causas das prostitutas. Gabriela Leite dá nome ao projeto de lei de autoria do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) que propõe a regularização dos profissionais do sexo. Hoje, o Projeto de Lei 4.211/12 que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo, está parado na Câmara dos Deputados, aguardando a composição de uma comissão temporária para analisá-lo.

Operacionalizando conceitos

Este estudo segue uma abordagem qualitativa porque tem como característica a exigência de que o “mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49). Da mesma forma que segue uma perspectiva plural feminista, sublinhando as orientações de Olsen (2006) quando nos fala sobre a:

[...] possibilidade de uma pesquisa para as mulheres, e não simplesmente sobre as mulheres, através de ensaios teóricos e de uma variedade de modos qualitativos que empreguem combinações tanto de estilos voltados para o texto. (p.119)

Para analisar nossa primeira fonte temos como principal estratégia os estudos biográficos, tendência dos anos de 1970, firmando-se como uma estratégia em oposição ao tradicional teor funcionalista de pesquisa que tende a ignorar o sujeito na sua totalidade e especificidade porque centra a atenção nas vivências e nas experiências, neste caso, as

narrativas de Gabriela Leite.

Esta estratégia abre caminho para uma afetividade, em oposição à racionalidade, capta os significados profundos da visão de mundo que os sujeitos constroem e reconstróem nas suas ações capazes de enriquecer a compreensão dos processos e contextos vivências. Por fim, este tipo de estudo com foco na ação individual do biografado desvela a singularidade a partir da narrativa, iluminando os contextos e a trajetória de vida de Gabriela Leite.

Nessa perspectiva, a *epistemologia feminista*, que vem se definindo a partir dos anos 1970, nos ajudou na construção do conhecimento por meio de um olhar feminino. Levamos em consideração a perspectiva de Virgínia Olesen (2007) que enfatiza a importância do desaparecimento do conceito de mulher universal, a ênfase no olhar para a mulher situada, histórica e culturalmente, reafirmando que todas as alegações do conhecimento têm localização social concreta.

Buscando compreender o conceito de epistemologia feminista, Margareth Rago nos leva a pensar a respeito da escrita da história, que em seus primeiros movimentos tinha uma preocupação em legitimar suas fontes documentais à medida que estas decorressem de materiais com certo teor de facticidade. Portanto, diversas formas estavam de fora deste padrão de conhecimento, sendo os trabalhos visuais, como nossa segunda fonte, o documentário. Este cenário se modifica com a chegada dos *Annales* e progressivamente, até que chegamos aos estudos feministas e que demonstram uma forma diferenciada de executar a leitura de mundo, quando partimos do ponto de vista de uma mulher

O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo

alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se consideramos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico. (RAGO, p. 3, 1998)

Com a revolução dos *Annales*, os seus proclames convidam, portanto, o historiador a sair de seu espaço e ir em busca da história, visto que a mesma está presente em toda parte “(...) os fundadores dos *Annales*, conclamaram em 1929 os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogro da lenda, - a carne humana – em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quais quer meios” (CARDOSO e MAUAD, p. 401, 1997)

A ampliação das tipologias de fontes históricas a partir da Revolução Documental no século XX, pelos *Annales*, demonstrou que a pesquisa histórica pode ser feita com as mais variadas fontes históricas e dialogar com os mais variados tipos de conhecimento.

Seguindo os vieses proporcionados pelas várias possibilidades de se realizar a análise do discurso, nos pareceu mais interessante aplicar para estas formas imagéticas, a Matriz Discursiva, seus significados e o que se busca transmitir, sendo sensações, emoções ou ideias, através das imagens.

Levando em conta o cenário do século XIX, onde Rago nos apresenta em *Do cabaré ao lar*, podemos perceber que a prostituição é vista de maneira dicotômica, já que esta era ao mesmo tempo uma salvação para o bom funcionamento da sociedade e fruto de doenças. Sempre

mantidas distante do centro da cidade, conforme política de higienização, rejeitadas do espaço público, concentravam-se em bares, teatros e casas de prostituição. Em 1897 é estabelecido um regulamento provisório para o funcionamento adequado da prostituição, sempre pautado no afastamento e na necessidade.

Quando, em 2016, temos Leite falando sobre esta situação como algo contemporâneo, podemos perceber que pouco evoluiu-se no discurso a respeito da prostituição e este continua a ocupar um espaço à margem, higienista e carregado de estigmas negativos.

Prostituição e historiografia: Um estado da arte

Os temas pertinentes ao universo da prostituição no Brasil desde há muito tempo vêm sendo discutidos pelas ciências sociais, antropologia e história. Tais estudos têm abordado diversas perspectivas como a sexualidade, a objetificação e a hipersexualização, para tratar questões tais como: gênero, identidade, representação e outras.

A sexualidade da mulher é um tema emergente nas produções acadêmicas, vista a necessidade de uma discussão em meio a tantas transformações nas relações sociais e quebra de paradigmas. No caso particular da prostituição, os estudos acerca desse tema, no Brasil, são orientados principalmente pelas ciências sociais, antropologia, e mais recentemente pela história, como é o caso da historiadora Margareth Rago, referencial teórico deste trabalho, que desde sua formação acadêmica dedicou-se ao tema.

A obra de Gabriela Leite toca na questão da revolução sexual do século XX, evidenciando as transformações em relação à sexualidade e uma perspectiva revolucionária, importante para a compreensão da construção social da prostituição a partir desse século. A análise

da percepção de Leite (2008) em torno do tema não é para definir uma única verdade, mas analisar a “puta” em sua própria existência e questionar “os sistemas”, os “códigos morais” e a visão da mulher contemporânea.

Ao analisar a produção historiográfica sobre a prostituição, é possível observar a predominância de uma visão higienista desse fenômeno, principalmente referente a produção positivista provinda de relatórios médicos, policiais e escritos realizados a partir da experiência masculina com a prostituição. Com a abertura dos estudos feministas, é possível a produção de conhecimento partindo diretamente das narrativas das prostitutas como protagonistas da prostituição.

Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade, intitula um artigo escrito por Flavio Lenz, publicado em 2014, pouco depois da morte de Gabriela Leite, e se coloca enquanto uma homenagem, visando recuperar a trajetória de vida de Leite e suscitar seu desejo pela promoção da liberdade.

O trabalho se constitui de trechos que são reproduções a partir da autobiografia publicada em 2009 pelo jornal que ela fundou, *Beijo da rua*, de um diário comercial e do documentário *Um beijo para Gabriela*, de 2013.

Enfrentar o estigma e combater a discriminação e a violação de direitos foram as principais questões que impulsionaram Gabriela Leite para o ativismo durante a vida inteira pelos direitos das prostitutas. A principal estratégia de luta já se resumia no slogan do I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987: “Fala, mulher da vida” (LENZ, p.1, 2014)

Outro trabalho relevante que pudemos encontrar, a respeito de Gabriela Leite, aborda sua militância em favor das prostitutas em um trabalho apresentado no evento *Fazendo Gênero*, 2006. Desenvolvido por Marlene Teixeira

Rodrigues, Assistente Social. Doutora em Sociologia. Professora da Universidade de Brasília (UnB), busca abordar a forma como Gabriela Leite se apresenta enquanto mulher que luta pelos seus direitos em favor da apropriação do seu corpo.

Rodrigues procura apresentar a nós um apanhado historiográfico sobre os avanços que o campo da prostituição enquanto uma forma de trabalho, em grande medida sendo fruto das batalhas que Leite buscou travar.

O reconhecimento da “profissional do sexo” como uma trabalhadora. pelo Ministério no Trabalho, do Brasil em 2002, configura-se como a última e maior inovação, em se tratando do modelo tradicionalmente hegemônico nas políticas públicas brasileiras para o enfrentamento da questão da prostituição. Esta iniciativa compõe e potencializa esse processo em que se busca romper com a exclusão e garantir a cidadania para as “profissionais do sexo”. Esta medida, adotada em 2002, também foi ao encontro da posição defendida pelo movimento de prostitutas de retirar tudo o que diz respeito à prostituição do Código Penal, restringindo o tratamento das questões relacionadas à atividade, à legislação trabalhista. (RODRIGUES, 2006, p. 2)

O terceiro trabalho que faz referência à Gabriela Leite, cujo se mostram nos mecanismos de busca de trabalhos acadêmicos, é uma entrevista realizada por Iracema Dantas no ano de 2006. Mais uma vez Leite é convidada a fazer uma recapitulação sobre sua vida e sua militância.

Podemos perceber que a trajetória de vida de Leite, suas vivências e suas experimentações são de grande interesse, tanto para o campo da política quanto para o social.

E é interessante ressaltar que na entrevista, ao questionada sobre os

movimentos feministas, Leite responde que este é um diálogo recente e em construção, visto que diversas ramificações do movimento feminista é contra a prostituição e vê diversas dificuldades em tratar este assunto.

Democracia Viva – E a relação com o movimento feminista? Gabriela Leite – Faz pouquíssimo tempo, começamos um diálogo. Antigamente era só briga. Não tem muito tempo participamos de um encontro latino-americano de feministas em São Paulo e foi muito complicado. Toda vez que tem um grande encontro do movimento feminista, a Pastoral da Mulher Marginalizada, uma eterna pedra no nosso caminho, está presente. Sempre tem a discussão da vitimização... As feministas podem não concordar com o que falamos, mas não podem ignorar que hoje somos sujeitos políticos da nossa própria história. Têm que nos ouvir; não podem achar que sabem o que é melhor para nós. Não podem ignorar o nosso discurso, nós temos o nosso movimento. Pessoalmente, quero dizer que admiro muito a Betânia [Betânia D’Ávila, diretora da ONG feminista SOS Corpo, de Recife] – apesar de não pensarmos da mesma maneira, percebo que ela nos reconhece como sujeito político. (DANTAS, 2006, p.55)

Nota-se ainda a importância do trabalho Prazeres da Noite (1991), de Margareth Rago, como fonte bastante relevante sobre o assunto, os trabalhos que tomam Gabriela Leite como personagem de extrema pertinência para tratar dos desdobramentos quanto à prostituta e suas vivências, são poucos.

Rago também contribui a medida que, tendo em conta que Gabriela Leite, ao contar suas experimentações no universo da prostituição, produz uma história ou escrita de si. O discurso comum que se encontra a respeito da prostituição é o da mulher vitimizada e de sentimentos infantilizados. “De um lugar

estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres.” (RAGO, 2013, p. 25)

Considerações Finais

No presente estudo, buscamos abordar a obra *A construção social da prostituição sob o ponto de vista de Gabriela Leite* (2008), sob a perspectiva da Epistemologia Feminista, a fim de compreendermos as formas de abordagem e como se estabelece nesta obra um discurso feminino de caráter historiográfico, mostrando, portanto, a importância e a relevância deste conceito para a historiografia.

Entendemos que a trajetória de Gabriela Leite é de grande relevância para o âmbito da prostituição é de grande importância para a luta desta classe e acima de tudo, muito interessante visto que parte de seu próprio lugar social para pensar articulações, problemáticas e vivências. Concluímos que temos, afinal, uma prostituta falando sobre os anseios de outras prostitutas, destoando do usual discurso que visa coloca-las como acometidas e sujeitadas, em sua totalidade.

Dessa forma, os conceitos apresentados pelos autores citados no decorrer desta produção, podem ser de grande auxílio teórico, metodológicos e fundamentais para a compreensão das possibilidades apresentadas pela historiografia e seus avanços com a formulações de novas teorias de análise, tal como a Epistemologia Feministas, que muito nos auxiliou na compreensão da leitura histórica, por Gabriela Leite.

Contudo, ressaltamos que este é um olhar sobre tais fontes e as considerações levantadas são apenas uma das possibilidades de se abordar estas temáticas, não anulando as demais perspectivas que podem ser usadas ao

observarmos a totalidade da obra e do documentário.

Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. EDUEM, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. **História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 401-417, 1997.

COUTO, Varlei Rodrigo. **Mariposas da Noite, amantes da escuridão: prazer e erotismo na prostituição feminina em Pouso Alegre - MG (1960-1980)**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2015.

COUTO, Varlei Rodrigo. **Foucault e a prostituição ou a vida das mulheres infames**. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, de 22 a 26 de julho de 2013. Anais, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1290

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Pronunciada em, v. 2, 1998.

LENZ, Flavio. **Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade**. Em pauta, n. 34. Rio de Janeiro, 2014. ISSN: 2238-378

LESSA, Patricia. Visibilidades y ocupaciones artísticas en territorios físicos y digitales. In: NÚRIA PADRÓS; Eulalia COLLELLEDMONT; Joan SOLER (Eds.). **Actas del XVIII Coloquio de Historia de la educación: arte, literatura y educación**. v.1, Vic: España: Editora de la UniVic, 2015, p.211-224

LEITE, Gabriela Silva. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

OLESEN, Virginia L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: Norman K. DENZIN, Yvonna Lincoln (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed; 2007, p.219-257

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2013

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres, 199

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1987

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **Prostituição:** "um trabalho como outro qualquer"? As estratégias das organizações de defesa dos direitos de prostitutas no enfrentamento do preconceito e da discriminação." SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7 (2006).

SOIHET, Rachel. **História das mulheres** in Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 275-296, 1997.